

REGENERAÇÃO
OU
O NOVO NASCIMENTO



ARTHUR W. PINK

Fonte: *Providence Baptist Ministries*
(<http://www.pbministries.org>)

Tradução: Rodrigo Reis de Faria
(rodrigoreisdefaria@gmail.com)

21/02/2014

INTRODUÇÃO

Dois obstáculos principais estão no caminho da salvação de qualquer um dos filhos caídos de Adão: a escravidão à culpa e pena do pecado, a escravidão ao poder e presença do pecado; ou, em outras palavras, eles estarem rumo ao Inferno e serem inaptos para o Céu. Estes obstáculos são, no que diz respeito ao homem, completamente insuperáveis. Este fato foi inequivocamente estabelecido por Cristo, quando, em resposta à questão dos Seus discípulos: “Quem poderá pois salvar-se?”, disse: “Aos homens isto é impossível”. Um pecador perdido poderia mais facilmente criar um mundo do que salvar a sua alma. Mas (para sempre seja o Seu nome louvado), o Senhor Jesus continuou dizendo: “A *Deus* tudo é possível” (Mt 19:25, 26). Sim, problemas que desconcertam completamente a sabedoria humana são solúveis pela Onisciência; tarefas que desafiam os maiores esforços do homem são facilmente realizadas pela Onipotência. Em parte alguma este fato é mais notavelmente exemplificado do que em Deus salvando o pecador.

Conforme sugerido acima, duas coisas são absolutamente essenciais para a salvação: o livramento da culpa e pena do pecado, o livramento do poder e presença do pecado. Um é assegurado pela obra mediatória de Cristo, o outro é realizado pelas operações eficazes do Espírito Santo. Um é o bendito resultado daquilo que o Senhor Jesus fez *pelo* povo de Deus; o outro é a conseqüência gloriosa do que o Espírito Santo faz *no* povo de Deus. Um acontece quando, tendo sido levado a jazer no pó como um pedinte de mãos vazias, a fé é habilitada apegar-se a Cristo, Deus agora justifica de todas as coisas, e o pecador, tremendo, penitente, mas crente, recebe um perdão pleno e gratuito. O outro acontece gradualmente, em estágios distintos, sob as bênçãos divinas da regeneração, santificação e glorificação. Na regeneração, o pecado habitando no interior recebe seu golpe mortal, ainda que não a sua morte. Na santificação, a alma regenerada vê o poço de corrupção interior, e aprende a repudiar e odiar a si mesma. Na glorificação, tanto a alma como o corpo serão libertos para sempre de todo o vestígio e efeito do pecado.

Agora, um conhecimento vital e salvífico *destas* verdades divinas não pode ser adquirido pelo mero estudo delas. Nenhuma profusão de Escrituras, nenhum exame meticuloso dos mais sólidos tratados doutrinários, nenhum exercício do intelecto, é capaz de obter a mais leve compreensão espiritual delas. É verdade que o candidato inteligente pode alcançar um conhecimento natural, uma apreensão intelectual delas, assim como um cego de nascença pode obter um conhecimento especulativo

das cores das flores ou das belezas de um por do sol, mas o homem natural não pode chegar a um *conhecimento espiritual* das coisas espirituais mais do que um cego pode chegar a um conhecimento verdadeiro das coisas naturais, sim, do que um homem na sua sepultura pode saber o que está acontecendo no mundo que ele deixou. E também nenhuma coisa aquém do poder divino pode levar o coração orgulhoso a uma percepção deste fato humilhante; somente quando Deus ilumina sobrenaturalmente, uma alma se torna consciente da terrível escuridão espiritual em que naturalmente habita.

A verdade do que acabou de ser dito é estabelecida pela declaração óbvia e solene de 1 Co 2:14, “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. Ah, quantos evitam a ponta afiada deste verso, imaginando que não se aplique a eles, confundindo um assentimento intelectual a coisas espirituais com um conhecimento experimental delas. Um conhecimento externo da verdade divina, conforme revelada na Escritura, pode encantar a mente e formar base para especulação e conversação, mas, a menos que haja uma *aplicação* divina dela à consciência e ao coração, tal conhecimento não será de maior utilidade na hora da morte do que as imagens agradáveis de nossos sonhos são de alguma satisfação quando despertamos. Como é terrível pensar que multidões de cristãos professos despertarão no Inferno para descobrirem que o *seu* conhecimento da verdade divina não era mais substancial do que um sonho!

Embora seja verdade que nenhum homem, procurando, possa encontrar a Deus (Jó 11:7), e que os mistérios do Seu reino são segredos selados até que Ele Se digne revelá-los à alma (Mt 13:11), também é verdade que Deus Se agrada de usar meios na comunicação da luz celestial aos nossos entendimentos entenebrecidos pelo pecado. É por este motivo que Ele comissiona os Seus servos a pregarem a Palavra e, pela voz e pela pena, explicarem as Escrituras; não obstante, seus esforços não produzirão frutos eternos, a menos que Ele condescenda em abençoar a semente que eles semearam e dar-lhe o crescimento. Assim, não importa quão fielmente, simplesmente, utilmente um sermão seja pregado ou um artigo escrito, a menos que o Espírito o *aplique* ao coração, o ouvinte ou leitor não ganhará nada. Então, você não suplicará humildemente a Deus para que abra o *seu* coração para receber tudo o que esteja de acordo com a Sua santa Palavra neste livreto?

No que se segue, na medida em que Deus permitir, procuraremos dirigir a atenção para o que temos referido no começo deste livreto como o segundo daqueles dois obstáculos humanamente insuperáveis que se encontram no caminho da salvação de um pecador, qual seja, a aptidão dele para o Céu, pela sua libertação do poder e presença do pecado. Tal obra é divina, e, portanto, é *miraculosa*. A regeneração não é mera reforma exterior, nem mero virar de uma nova página e o esforço por viver uma vida melhor. O novo nascimento é muito mais do que ir à frente e pegar na mão do pregador – é uma operação sobrenatural de Deus no espírito do homem, uma maravilha transcendente. Todas as obras de Deus são maravilhosas. O mundo em que vivemos está cheio de coisas que nos impressionam. O nascimento físico é uma maravilha, mas, desde vários pontos de vista, o novo nascimento é mais notável. É uma maravilha da graça divina, da sabedoria divina, do poder divino, e da beleza divina. É um milagre realizado em e dentro de nós mesmos, do qual podemos estar pessoalmente conscientes; ele se revelará ser uma maravilha eterna.

Porque a regeneração é obra de Deus, é algo *misterioso*. Todas as obras de Deus estão envoltas em impenetrável mistério. A vida, a vida natural, em sua origem, sua natureza, seus processos, desconcerta o mais cuidadoso investigador. Este ainda mais é o caso com a vida espiritual. A Existência e o Ser de Deus transcendem a compreensão finita; então, como podemos esperar entender o processo pelo qual nos tornamos Seus filhos? Nosso Próprio Senhor declarou que o novo nascimento é algo de misterioso – “O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas *não sabes* de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (Jo 3:8). O vento é algo sobre o que o mais instruído cientista não sabe quase nada. Sua natureza, as leis que o governam, a causa, tudo está além do alcance da inquirição humana. Assim também é com o novo nascimento – é profundamente misterioso.

A regeneração é algo extremamente *solene*. O novo nascimento é a linha divisora entre o Céu e o Inferno. À vista de Deus, existe apenas duas classes de pessoas nesta terra – aqueles que estão mortos em pecados, e aqueles que estão andando em novidade de vida. No domínio físico não existe algo como estar *entre* a vida e a morte. Um homem ou está morto ou vivo. A centelha vital pode estar bem indistinta, mas, enquanto ela existe, a vida está presente. Que essa faísca se apague totalmente, e, ainda que você possa vestir o corpo com roupas bonitas, não é nada mais do que um corpo. Assim também é no reino espiritual. Nós somos ou santos ou pecadores, espiritualmente vivos ou espiritualmente mortos, filhos de Deus ou filhos do

Diabo. Em vista deste solene fato, quão importante é a questão: Você já *nasceu de novo*? Se não, e se morrer em seu presente estado, você desejará nunca ter nascido.

1. SUA NECESSIDADE

1. *A necessidade da regeneração está em nossa degeneração espiritual.* Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos nós nascemos alienados da vida e santidade divinas, despojados de todas aquelas perfeições com as quais a natureza humana foi dotada a princípio. Ezequiel 16:4, 5 apresenta uma vívida figura da nossa entrada neste mundo – abandonados à aversão de nossas pessoas, rolando em nossa própria imundície, impotentes para nos socorrermos a nós mesmos. Aquela “semelhança” de Deus (Gn 1:26), que a princípio esteve estampada na alma humana, foi apagada, a aversão a Deus e um amor desordenado pela criatura tendo a substituído. A própria fonte de nosso ser está contaminada, continuamente fazendo brotar águas amargas, e ainda que essas correntes tomem diversos caminhos e percorram diversos canais, são todas insalubres. Por isso o “sacrifício” do ímpio é uma abominação ao Senhor (Pv 15:8), e a sua lavoura, “pecado” (Pv 21:4).

Existem apenas dois estados, e todos os homens estão incluídos neles – um, o estado de vida espiritual, o outro, um estado de morte espiritual; um, o estado de justiça, o outro, um estado de pecado; um, salvífico, o outro, condenatório; um, o estado de inimizade, no qual os homens têm suas inclinações contrárias a Deus, o outro, um estado de amizade e comunhão, no qual os homens andam em obediência a Deus, e não têm voluntariamente nenhuma noção interior contrária à Sua vontade. Um estado é chamado de trevas, o outro, de luz: “Porque noutra tempo (nos vossos dias de não-regenerados, não apenas estáveis em trevas, mas) éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5:6). Não há meio termo entre estas condições; todos estão em uma delas. Cada homem e mulher agora na terra ou é um objeto do prazer de Deus ou da Sua abominação. As obras mais benevolentes e grandiosas da carne não podem agradá-LO, mas as centelhas mais fracas procedentes daquilo que a graça acendeu são aceitáveis à Sua vista.

Pela queda, o homem contraiu uma *inaptidão* para aquilo que é bom. Formado em iniquidade e concebido em pecado (Sl 51:5), o homem é um “transgressor desde o ventre” (Is 48:8) – “andam errados desde que nasceram, falando mentiras” (Sl 58:3), e “a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice” (Gn 8:21). Ele pode ser civilizado, educado, refinado, e até mesmo religioso, mas no coração é “desesperadamente perverso” (Jr 17:9), e tudo o que ele faz é vil à vista de Deus, pois nada é feito por amor a Ele, e com vistas à Sua glória. “Não pode a árvore boa

dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons” (Mt 7:18). Enquanto não nascerem de novo, todos os homens estão “reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16).

Pela queda o homem contraiu uma *indisposição* para aquilo que é bom. Todos os movimentos da vontade em seu estado caído, pela insuficiência de um princípio correto do qual se derivam e de um fim correto para o qual tendem, são apenas maus e pecaminosos. Deixe o homem a si mesmo, remova dele todas as restrições que a lei e a ordem impõem, e rapidamente se degenerará a um nível mais baixo que o das bestas, como praticamente todo missionário testemunhará. E será que a natureza humana é algo melhor em terras civilizadas? Nem um pouco. Lave o verniz artificial e se descobrirá que, “como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem” (Pv 27:19). Em todo o mundo, continua sendo solenemente verdade que “a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Rm 8:7). Cristo proferirá a mesma acusação em um dia futuro que quando esteve aqui na terra: “Os homens amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3:19). Os homens não querem vir a Ele para terem “vida”.

Pela queda o homem contraiu uma *incapacidade* para aquilo que é bom. Ele não apenas é inapto e está indisposto, mas é *incapaz* de fazer aquilo que é bom. Onde está o homem que pode fielmente dizer que tem correspondido aos seus próprios ideais? Todos têm de reconhecer que há uma força estranha no interior puxando-os para baixo, inclinando-os para o mal, a qual, não obstante os seus maiores esforços contra ela, mais ou menos de uma forma ou de outra ela os vence. A despeito das amáveis exortações de amigos, dos fieis alertas dos servos de Deus, dos solenes exemplos de sofrimento e tristeza, doença e morte de todos os lados, e do voto da sua própria consciência, eles se dão por vencidos. “Os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm 8:8).

Assim fica evidente que a necessidade é imperativa de que uma mudança radical e revolucionária seja operada no homem caído antes que ele possa ter alguma comunhão com o Deus três vezes santo. Visto que a terra deve ser completamente transformada, por causa da maldição que agora dormita sobre ela, antes que possa novamente produzir frutos como fazia quando o homem ainda estava em um estado de inocência; assim também deve o homem, visto que uma contaminação geral se apoderou dele desde Adão, ser renovado, antes que possa “dar fruto para Deus” (Rm 7:4). Ele deve ser enxertado em outro tronco, unido a Cristo, participar do poder da Sua ressurreição – sem isto ele pode dar fruto, mas não “para Deus”. Como pode

alguém se voltar para Deus sem um princípio de movimento espiritual? Como pode viver para Deus aquele que não tem nenhuma vida espiritual? Como pode ser apto para o reino de Deus aquele que é de uma natureza brutal e diabólica?

2. *A necessidade da regeneração está na depravação total do homem.* Cada membro da raça de Adão é uma criatura caída, e cada parte do seu complexo ser foi corrompida pelo pecado. O coração do homem é “enganoso, mais do que todas as coisas, e desesperadamente perverso” (Jr 17:9). Sua mente é cegada por Satanás (2 Co 4:4) e entenebrecida pelo pecado (Ef 4:18), de modo que os seus pensamentos são apenas maus continuamente (Gn 6:5). Suas afeições estão prostituídas, de modo que ele ama aquilo que Deus odeia, e odeia aquilo que Deus ama. Sua vontade está livre do bem (Rm 6:20) e é contrária a Deus (Rm 8:7). Ele está sem justiça (Rm 3:10), sob a maldição da lei (Gl 3:10), e é cativo do Diabo. Sua condição é realmente deplorável, e a sua situação desesperadora. Ele não pode melhorar a si mesmo, pois está “sem força” (Rm 5:6). Ele não pode efetuar a sua salvação, pois não habita nele bem algum (Rm 7:18). Ele precisa, então, nascer de Deus, “porque em Cristo Jesus nem a circuncisão, nem a incircuncisão tem virtude alguma, mas sim o ser uma *nova criatura*” (Gl 6:15).

O homem é uma criatura caída. Não é que algumas folhas secaram, mas toda a árvore apodreceu, na raiz e nos ramos. Em cada um existe algo que está radicalmente errado. A palavra “radical” vem do latim que significa “raiz”, de modo que, quando dizemos que o homem está radicalmente errado, queremos dizer que há nele, no próprio fundamento e na fibra do seu ser, algo que é intrinsecamente corrupto e essencialmente mau. Os pecados são meramente o fruto, deve haver por necessidade uma raiz da qual eles brotam. Segue-se, então, como consequência inevitável, que o homem precisa do auxílio de um Poder Superior para efetuar uma mudança radical nele. Há somente Um que pode efetuar essa mudança – Deus criou o homem, e somente Deus pode recriá-lo. Daí a imperativa exigência: “*Necessário* vos é nascer de novo” (Jo 3:7). O homem está espiritualmente *morto* e inútil, mas o poder supremo pode torná-lo vivo.

“Por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens” (Rm 5:12). No dia em que Adão comeu do fruto proibido, ele morreu espiritualmente, e uma pessoa que está espiritualmente morta não pode gerar um filho que possua vida espiritual. Por isso, todos, por descendência natural, entram neste mundo “separados da vida de Deus” (Ef 4:18), “mortos em

ofensas e pecados” (Ef 2:1). Isto não é uma mera figura de linguagem, mas um fato solene. Toda criança é nascida inteiramente destituída de uma única fagulha de vida espiritual, e, portanto, se há de entrar no reino de Deus, que é o reino da vida espiritual (Rm 14:17), ela deve *nascer* nele.

Quanto mais claramente formos capacitados a discernir a *necessidade* imperativa da regeneração e os vários motivos *pelos quais* é absolutamente essencial que uma criatura caída esteja preparada para a presença do Deus três vezes santo, provavelmente encontraremos menos dificuldade quando tentarmos chegar a um entendimento acerca da *natureza* da regeneração, *o que* é que acontece dentro de uma pessoa quando o Espírito Santo a renova. Particularmente por este motivo, e também porque tamanha nuvem de erros tem sido levantada sobre esta verdade vital, sentimos que uma consideração adicional deste aspecto particular de nosso assunto é necessária.

Jesus Cristo veio a este mundo para glorificar a Deus e para glorificar a Si mesmo redimindo um povo para Si. Mas que glória podemos conceber que Deus teria, e que glória adviria a Cristo, se não há uma diferença vital e fundamental entre o Seu povo e o mundo? E que diferença pode haver entre esses dois grupos de pessoas, senão em uma *mudança do coração*, do qual procedem as saídas da vida (Pv 4:23) – uma mudança de natureza ou disposição, como a fonte da qual todas as outras diferenças devem proceder? Ovelhas e cabritos diferem em natureza. Toda a obra mediatória de Cristo tem em vista este único fim. Seu ofício sacerdotal é para reconciliar e trazer o Seu povo para Deus; Seu ofício profético, para lhes ensinar o caminho; Seu ofício real, para operar neles aquelas qualificações e lhes conceder aquela graciosidade que são necessárias para adequá-los ao modo de viver santo e à comunhão com o Deus três vezes santo. Assim Ele “purifica para Si um povo Seu especial, zeloso de boas obras” (Tt 2:14).

“Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus?” (1 Co 6:9). Mas multidões são enganadas, e enganadas exatamente neste ponto, e sobre esta questão extremamente importante. Deus tem alertado os homens de que “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente perverso” (Jr 17:9), mas poucos acreditarão que isto seja verdade com respeito a *si mesmos*. Ao invés disso, dezenas de milhares de cristãos professos estão cheios de uma confiança vã e presunçosa de que tudo está bem com eles. Eles se iludem com esperanças de misericórdia enquanto continuam a viver em um curso de vontade própria e prazer próprio.

Eles imaginam que estão aptos para o Céu, embora cada dia que passa encontre-os ainda mais preparados para o Inferno. Está escrito acerca do Senhor Jesus que “Ele salvará o Seu povo *dos* seus pecados” (Mt 1:21), e não *em* seus pecados – salvá-los não apenas da pena, mas também do poder e da contaminação do pecado.

A quantos na Cristandade estas solenes palavras se aplicam: “Porque em seus olhos se lisonjeia, até que a sua iniquidade se descubra ser detestável” (Sl 36:2)! O estratagema principal de Satanás é enganar as pessoas para que imaginem que podem combinar com sucesso o mundo com Deus, consentir com a carne enquanto pretendem ter o Espírito, e assim “tirar o melhor de dois mundos”. Mas Cristo enfaticamente declarou que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6:24). Muitos confundem a força destas perscrutadoras palavras – a verdadeira ênfase não é sobre “dois”, mas sobre “servir” – ninguém pode *servir* a dois senhores. E Deus exige ser “servido” – temido, submetido, obedecido, a *Sua* vontade regulando a vida em todos os seus detalhes, veja 1 Sm 12:24, 25. “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás” (Mt 4:10).

3. *A necessidade da regeneração está na inaptidão do homem para Deus.* Quando Nicodemos, um respeitável e religioso fariseu, sim, um “mestre em Israel”, veio até Cristo, Ele lhe disse claramente que “aquele que não nascer de novo” não pode nem entrar no “reino de Deus” (Jo 3:3, 5) – seja na condição evangélica sobre a terra ou na condição gloriosa no Céu. Ninguém pode entrar no reino espiritual a menos que tenha uma natureza espiritual, a qual é a única que pode lhe dar um apetite por e uma capacidade de desfrutar das coisas que lhe pertencem; e isto, o homem natural não possui. Muito longe disto, ele não pode sequer “discerni”-las (1 Co 2:14). Ele não tem nenhum amor por elas, nem as deseja (Jo 3:19). Também não pode desejá-las, pois a sua vontade é escravizada pelas concupiscências da carne (Ef 2:2, 3). Portanto, antes de um homem poder entrar no reino espiritual, o seu entendimento deve ser sobrenaturalmente iluminado, o seu coração renovado, e a sua vontade emancipada.

Não pode haver nenhum ponto de contato entre Deus e Seu Cristo com um homem pecador enquanto este não for regenerado. Não pode haver nenhuma união legítima entre duas partes que não tenham nada de vital em comum. Uma natureza superior e uma inferior podem ser unidas, mas nunca naturezas contrárias. Pode o fogo e a água ser unidos, uma besta e um homem, um anjo bom e um demônio vil? Pode o Céu e o Inferno se encontrar em termos amigáveis? Em toda a amizade deve haver

uma similaridade de disposição; antes que possa haver comunhão, deve haver algum acordo ou unidade. Deus e o homem não estão de acordo em uma vida de santidade, e, portanto, não podem ter nenhuma comunhão (condensado de S. Charnock).

Estamos unidos ao “primeiro Adão” por uma semelhança de natureza; então, como podemos ser unidos ao “último Adão” sem uma semelhança com Ele a partir de uma nova natureza ou princípio? Fomos unidos ao primeiro Adão por uma alma vivente, devemos ser unidos ao último Adão por um Espírito vivificante. Não temos nada a ver com o Adão celestial se não trazemos uma imagem celestial (1 Co 15:48, 49). Se somos *Seus* membros, devemos ter a mesma natureza que foi comunicada a Ele, a Cabeça, pelo Espírito de Deus, que é a *santidade* (Lc 1:35). Deve haver um só “espírito” em ambos – assim está escrito: “O que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito” (1 Co 6:17). E, novamente, Deus nos diz: “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle” (Rm 8:9). E também não pode alguma coisa ser vitalmente unida a outra sem vida. Uma cabeça viva e um corpo morto é algo inconcebível.

Não pode haver nenhuma comunhão com Deus sem uma alma renovada. Deus é incapaz, por Sua parte, por honra à Sua lei e santidade, de ter comunhão com uma criatura tal como um homem caído. O homem é incapaz, por sua parte, por causa da aversão arraigada em sua natureza caída. Então, como é possível que Deus e o homem sejam unidos sem este último experimentar uma completa mudança de natureza? Que comunhão pode haver entre a Luz e as trevas, entre o Deus vivo e um coração morto? “Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” (Am 3:3). Deus repudia o pecado, o homem o ama; Deus ama a santidade, o homem a repudia. Então, como poderiam afeições tão contrárias se encontrar em uma cordial amizade? O pecado alienou da vida de Deus (Ef 4:18), e, por conseguinte, da Sua comunhão; a vida, então, deve ser restaurada a nós antes de podermos ser integrados à comunhão com Ele. As coisas velhas devem passar, e tudo se fazer novo (2 Co 5:17).

Os deveres evangélicos não podem ser cumpridos sem a regeneração. A primeira exigência de Cristo aos Seus seguidores é que eles *nequem-se a si mesmos*. Mas isto é impossível para a natureza humana caída, pois os homens são “amantes de si mesmos” (2 Tm 3:2). Somente quando a alma for renovada, o eu será repudiado. Por isso a promessa do novo concerto é: “E tirarei da sua carne o coração de pedra,

e lhes darei um coração de carne” (Ez 11:19). Todos os deveres evangélicos exigem uma maleabilidade e ternura de coração. O orgulho foi a condenação do Diabo (1 Tm 3:6), e os nossos primeiros pais caíram por nutrirem propósitos de serem iguais a Deus (Gn 3:5). Desde então, o homem tem sido ambicioso demais e tido um conceito bom demais a respeito de si mesmo para cumprir os deveres em um esforço evangélico, com aquela insignificância em si mesmo que o Evangelho requer. O propósito principal do Evangelho é abater toda a glória em nós mesmos, para que nos gloriemos apenas no Senhor (1 Co 1:29-31); mas isto não é possível enquanto a graça não renovar o coração, amolecê-lo diante de Deus, e moldá-lo às Suas exigências.

Sem uma nova natureza, não podemos cumprir os deveres evangélicos *constantemente*. “Os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne” (Rm 8:5). Tal inclinação não pode se empregar por muito tempo nas coisas espirituais. Aguilhoadas da consciência, terrores do Inferno, temores da morte, podem exercer uma influência temporária, mas não duram. Solo pedregoso pode produzir folhas, contudo, pela falta de raiz, elas rapidamente definham (Mt 13). Uma pedra pode ser arremessada bem alto no ar, mas finalmente ela cai na terra; assim o homem natural também pode, por um momento, subir bem alto no fervor religioso, mas, mais cedo ou mais tarde, será dito a seu respeito, como foi acerca de Israel: “Porque o seu coração não era reto para com Ele, nem foram *fiéis* na Sua aliança” (Sl 78:37). Muitos parecem começar no Espírito, mas terminam na carne. Somente onde *Deus* tem operado na alma, a obra durará para sempre (Ec 3:14; Fp 1:6).

“Assim como a regeneração é indispensavelmente necessária para uma condição evangélica, do mesmo modo é para uma condição de glória celestial. Isto parece ser tipificado pela força e vigor dos israelitas quando entraram em Canaã. Nenhum decrepito e enfermo colocou o pé na terra prometida – nenhum daqueles que saíram do Egito com uma natureza egípcia, e desejos pelo alho e pelas cebolas de lá, com um sofrimento pelo seu antigo cativo, porém deixaram suas carcaças no deserto; somente os dois espias que os haviam encorajado contra as aparentes dificuldades. Ninguém que retenha apenas o velho homem, nascido na casa da servidão, mas apenas uma nova criatura regenerada, entrará na Canaã celestial. O Céu é a herança dos santificados, não dos imundos – ‘A fim de que recebam herança entre os que são santificados pela fé em Mim’ (At 26:18). Quando da expulsão de Adão do paraíso, uma espada flamejante foi colocada para impedir a sua reentrada naquele lugar de felicidade. Assim como Adão, em sua condição desamparada, não poderia pos-

suí-lo, nós também, pelo que temos recebido de Adão, não podemos esperar um privilégio maior do que a nossa raiz. O sacerdote sob a lei não podia entrar no santuário enquanto não fosse purificado, nem o povo na congregação – nem homem algum pode ter acesso ao Santíssimo enquanto não for aspergido pelo sangue de Jesus – Hb 10:22” (S. Charnock).

O Céu é um lugar preparado para um povo preparado. Disse Cristo: “Vou preparar-vos lugar” (Jo 14:2). Para quem? Para aqueles que têm, no coração, “deixado tudo” para segui-IO (Mt 19:27). Para aqueles que amam a Deus (1 Co 2:9), amam as coisas de Deus – eles percebem o valor e a beleza inestimáveis das coisas espirituais. E aqueles que realmente amam as coisas espirituais não consideram como sacrifício grande demais perdê-las (Fp 3:8). Mas, para amar as coisas espirituais, o próprio homem deve ser feito espiritual. O homem natural pode ouvir a respeito delas e ter uma idéia correta da doutrina sobre elas, mas ele não as recebe espiritualmente no amor delas (2 Ts 2:10), e não encontra a sua alegria e felicidade nelas. Mas a alma renovada anela por elas, não por constrangimento, mas porque Deus conquistou o seu coração. A sua confissão é: “Quem tenho eu no céu senão a Ti? e na terra não há quem eu deseje além de Ti” (Sl 73:25). Deus tornou-Se o seu bem supremo, a Sua vontade é a sua única regra, a Sua glória o seu fim maior. Em tal indivíduo, as próprias inclinações da alma foram mudadas.

O próprio homem deve ser transformado antes de estar preparado para o Céu. Acerca dos regenerados está escrito: “Dando graças ao Pai que *nos fez idôneos* para participar da herança dos santos na luz” (Cl 1:12). Ninguém é “feito idôneo” enquanto for profano, pois ela é a herança dos *santos*; ninguém está apto para ela enquanto estiver sob o poder das trevas, pois é uma herança *na luz*. O Próprio Cristo só subiu ao Céu para tomar posse da Sua glória depois da Sua ressurreição dentre os mortos, não podemos também entrar no Céu a menos que tenhamos sido ressuscitados do pecado. “Quem para isto mesmo (para sermos vestidos da nossa habitação celestial) nos preparou (poliu) foi Deus”, e a prova de que Ele fez isto é que nos deu “o penhor do Espírito” (2 Co 5:5); e onde o Espírito do Senhor está, “aí há liberdade” (2 Co 3:17) – liberdade do poder do pecado que habita no interior, como o verso que se segue claramente indica.

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5:8). “Ver” a Deus é ser introduzido no relacionamento mais íntimo com Ele. É ter aquela “densa nuvem” das nossas transgressões apagada (Is 44:22), pois eram as nossas iniqui-

dades que faziam separação entre nós e o nosso Deus (Is 58:2). “Ver” a Deus aqui tem a força de *desfrutar*, como em Jo 3:36. Mas, para este desfrute, um “coração puro” é indispensável. Agora, o coração é purificado pela fé (At 15:9), pois a fé tem a ver com Deus. Assim, um “coração puro” é aquele que tem as suas afeições colocadas nas coisas de cima, sendo atraído pela “beleza da santidade” (Sl 17:15). Mas como poderia desfrutar de *Deus* aquele que não pode suportar a santidade imperfeita dos Seus filhos, mas levanta barricadas contra ela como sendo “rigor” desnecessário e fanatismo puritano? O rosto de Deus só pode ser contemplado em justiça.

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14). Ninguém pode habitar com Deus e ser eternamente feliz em Sua presença a menos que uma mudança radical tenha sido operada nele, uma mudança do pecado para a santidade. Esta mudança *deve* ser, assim como aquela introduzida pela queda, uma que chegue às próprias raízes dos nossos seres, afetando o homem inteiro – removendo as trevas das nossas mentes, despertando e então apaziguando a consciência, espiritualizando as nossas afeições, convertendo a vontade, reformando toda a nossa vida. E esta grande mudança deve acontecer aqui na terra. A remoção da alma para o Céu não é substituto para a regeneração. Não é o lugar que transmite a semelhança a Deus. Quando os anjos caíram, eles estavam no Céu, mas a glória da morada de Deus não os restaurou. Satanás entrava no Céu (Jó 2:1), mas ele o deixou inalterado. Deve haver uma semelhança com Deus operada na alma pelo Espírito antes que ela esteja apta para desfrutar do Céu.

“A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (1 Co 15:50). Se o corpo deve ser mudado antes de poder entrar no Céu, quanto mais a alma, pois “não entrará nela coisa alguma que contamine” (Ap 21:27). E qual é a suprema glória do Céu? Será a liberdade de toda fadiga e inquietação, doença e tristeza, sofrimento e morte? Não; o Céu é o lugar em que há a manifestação plena da glória de Deus que é “glorioso em santidade” – essa santidade que os ímpios, embora presunçosamente esperando ir para o Céu, desprezam e odeiam aqui na terra. Os habitantes do Céu recebem uma visão clara da pureza inefável de Deus e se lhes concede a mais íntima comunhão com Ele. Mas ninguém está apto para isto a menos que o seu ser interior (assim como a vida exterior) tenha sofrido uma mudança radical, revolucionária, sobrenatural.

Pode-se pensar que Cristo preparará mansões de glória para aqueles que se recusam a recebê-lo em seus corações e dar-Lhe o primeiro lugar em suas vidas aqui embaixo? Não, de fato; antes, Ele “rirá na sua perdição e zombará, em vindo o seu temor” (Pv 1:26). O instrumento do coração deve ser afinado aqui na terra a fim de prepará-lo para produzir a melodia de louvor no Céu. Deus uniu de tal modo a santidade e a felicidade (assim como Ele uniu o pecado e a miséria), que elas não podem ser separadas. Se fosse possível a uma alma não-regenerada entrar no Céu, ela não encontraria ali um santuário contra as chibatadas da consciência e do fogo atormentador da santidade de Deus. Muitos supõem que nada além dos *méritos* de Cristo são necessários para qualificá-los para o Céu. Mas isto é um grande erro. Ninguém recebe a remissão dos pecados pelo sangue de Cristo que não seja primeiramente “convertido do poder de Satanás a Deus” (At 26:18). Deus subjuga as iniquidades daqueles cujo pecado Ele lança nas profundezas do mar (Mq 7:19). O perdão dos pecados e a purificação do coração são tão inseparáveis como o sangue e a água que jorraram do lado do Salvador (Jo 19:34).

Sermos renovados no espírito do nosso entendimento e vestirmos o novo homem “que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4:23, 24) é tão indispensável para uma *aptidão* para o Céu quanto ter a justiça de Cristo imputada a nós o é para termos um *direito* ao mesmo. “Um malfeitor, pelo perdão, está em uma *capacidade* de entrar na presença de um príncipe e servi-lo na sua mesa, mas ele não está na *aptidão* enquanto suas vestes mal cheirosas, cheias de vermes, não forem removidas” (S. Charnock). É tanto uma fatal ilusão como ímpia presunção alguém que está vivendo para agradar a si mesmo imaginar que os *seus* pecados foram perdoados por Deus. É “a lavagem da regeneração” que dá evidência de estarmos justificados pela graça (Tt 3:5-7). Quando Cristo salva, Ele *vive em* (Gl 2:20), e é impossível que Ele habite em um coração que ainda permanece espiritualmente frio, duro, e sem vida. O padrão supremo de santidade não pode ser um patrono da licenciosidade.

Justificação e santificação são inseparáveis – onde alguém é absolvido da culpa do pecado, ele também é libertado do domínio do pecado, mas nem uma nem outra podem ocorrer enquanto a alma não for regenerada. Assim como Cristo ser feito na semelhança da carne do pecado foi indispensável para que Deus Lhe imputasse os pecados de Seu povo (Rm 8:3), do mesmo modo é igualmente necessário que sejamos feitos novas criaturas em Cristo (2 Co 5:17) antes de podermos ser, legalmente, feitos justiça de Deus nEle (2 Co 5:21). A necessidade de sermos feitos “partici-

pantes da natureza divina” (2 Pe 1:4) é tão real e tão grande quanto Cristo tomar parte na natureza humana para poder nos salvar (Hb 2:14-17). “A menos que Deus nasça, Ele não pode entrar no reino do pecado. A menos que um homem nasça de novo, ele não pode ver o reino da justiça. E o poder divino – o poder do Espírito Santo, o plenipotenciário e executor de toda a vontade da Divindade – efetua a encarnação de Deus e a regeneração do homem, para que o Filho de Deus possa ser feito pecado, e os filhos de Deus feitos justos” (H. Martin).

Como poderia entrar em um mundo de inefável santidade alguém que tenha passado todo o seu tempo no pecado, isto é, agradando a *si mesmo*? Como poderia cantar o cântico do Cordeiro se o seu *coração* nunca foi afinado para isto? Como poderia suportar contemplar a assombrosa majestade de Deus *face a face* aquele que antes nunca O viu mais do que “através de um espelho escuro” pelo olho da fé? E, assim como é uma tortura excruciante para os olhos que estiveram por muito tempo confinados a funestas trevas contemplar repentinamente os raios brilhantes do sol do meio dia, assim também será quando os não-regenerados contemplarem aquele que é Luz. Ao invés de saudarem tal visão, “*todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele*” (Ap 1:7); sim, tão esmagadora será a sua angústia, que eles clamarão às montanhas e rochas: “Caí sobre nós, e escondi-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro” (Ap 6:16). E, meu leitor, *esta* será a *sua* experiência, a menos que Deus o regenere!

Quando o Senhor Jesus disse: “O que é nascido da carne é carne” (Jo 3:6), Ele não apenas indicou que todo o homem nascido neste mundo herda uma natureza caída e corrupta, e, portanto, está inapto para o reino de Deus; mas também que esta natureza corrupta nunca pode ser algo mais do que corrupta, de modo que nenhuma cultura pode torná-la apta para o reino de Deus. Suas tendências podem ser restringidas, suas manifestações modificadas pela educação e pelas circunstâncias, mas as suas tendências e afeições pecaminosas ainda estão lá. Uma árvore corrupta não pode produzir bom fruto, por mais que você possa podá-la e apará-la. Para um fruto bom, você deve ter uma árvore boa, ou o enxerto de uma. Por isso, nosso Senhor prosseguiu dizendo: “E o que é nascido do Espírito é espírito”. Isto nos leva a considerar:

2. SUA NATUREZA

Chegamos agora à parte mais difícil do nosso assunto. Isto necessariamente, pois estamos prestes a contemplar as operações de *Deus*. Estas sempre são misteriosas, e absolutamente nada pode ser conhecido sobre elas, salvo o que Ele mesmo revelou a seu respeito na Sua Palavra. Ao tentarmos ponderar o que Ele *disse* sobre a Sua obra de regeneração, dois perigos precisam ser evitados: primeiro, *limitar* os nossos pensamentos a alguma declaração isolada a respeito ou a uma única figura que o Espírito empregou para descrevê-la. Segundo, raciocinar a partir do que Ele disse *carnalizando* as figuras que empregou. Ao se referir a coisas espirituais, Deus usou os termos que eram originalmente destinados (pelo homem) a expressar objetos materiais, por isso precisamos estar constantemente alerta para não transferirmos para as primeiras idéias errôneas trazidas dos últimos. Disto seremos preservados se compararmos diligentemente *tudo* o que foi dito sobre cada assunto.

Ao tratar da natureza da regeneração, muito dano tem sido causado, especialmente em anos recentes, por homens que limitam sua atenção a uma única figura, a saber, a do “novo nascimento”, que é apenas uma dentre muitas expressões usadas nas Escrituras para denotar essa obra poderosa e miraculosa de Deus no Seu povo que os habilita à comunhão com Ele. Assim, em Cl 1:12, 13, a mesma experiência vital é expressa como Deus tendo “*nos feito idôneos* para participar da herança dos santos na luz; o Qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor”. A regeneração é o começo de uma nova experiência, que é tão real e revolucionária que aquele que é submetido a esta geração divina é referido como “nova criatura” – “as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo” (2 Co 5:17). Uma nova vida espiritual foi comunicada por Deus à alma, de modo que aquele que a recebe é vitalmente implantado em Cristo.

A natureza da regeneração talvez possa ser mais bem percebida comparando-se e contrastando-se com o que aconteceu na queda, pois, embora a pessoa que é renovada pelo Espírito receba mais do que aquilo que Adão perdeu pela sua rebelião, esta é, na verdade, a resposta de Deus à primeira. Agora, é extremamente importante que reconheçamos claramente que nenhuma faculdade foi perdida pelo homem quando ele caiu. Quando o homem foi criado, Deus lhe deu um espírito, e alma, e corpo. Assim, o homem era um ser tripartido. Quando o homem caiu, a ameaça divina: “No dia em que dela comeres, certamente *morrerás*” foi devidamente executada, e o homem morreu espiritualmente. Mas isto não significa que o seu Espírito, ou a

sua alma, ou qualquer parte deles, deixou de existir, pois, na Escritura, “morte” nunca significa aniquilação, mas é um estado de separação. O filho pródigo estava “morto” enquanto no país distante (Lc 15:24), porque estava separado de seu pai. “Separados da vida de Deus” (Ef 4:18) descreve o terrível estado daquele que não é regenerado, por isso “a que vive em deleites, está morta” (1 Tm 5:6) – aquilo que está espiritualmente morto está morto para Deus, embora vivo no pecado, o espírito, e a alma, e o corpo, cada um estando ativo *contra* Deus.

O que aconteceu na queda não foi a destruição de nenhuma porção do ser tripartido do homem, mas o viciamento ou corrupção delas. E isto pela introdução de um novo princípio nele, a saber, o *pecado*, que é mais uma qualidade do que uma substância. Mas seja declarado mui enfaticamente que uma “natureza” *não* é uma entidade concreta, mas antes aquilo que caracteriza e impele uma entidade ou criatura. É a natureza da gravitação atrair, é a natureza do vento soprar, é a natureza do fogo queimar. Uma “natureza” não é algo tangível, mas um *princípio de operação*, um poder que impulsiona à ação. Assim, quando dizemos que o homem caído possui uma “natureza pecaminosa”, não se deve entender que algo tão substancial quanto a sua alma ou o espírito foi acrescentada ao seu ser, mas, ao invés disso, que o princípio mau *entrou* nele, o qual contaminou e corrompeu cada parte da sua constituição, assim como a geada penetrando na fruta a danifica.

Na queda, o homem não perdeu nenhuma das faculdades com que o Criador originalmente o havia dotado, mas perdeu o poder de *usar* suas faculdades *para Deus*. Todo o desejo por Deus, todo o amor pelo seu Criador, e o conhecimento real dEle, foram perdidos. O pecado o possuiu – o pecado como um princípio mau, como um poder de operação, como uma influência corruptora, tomou controle completo do seu espírito, e alma, e corpo, de modo que ele tornou-se “servo” ou escravo “do pecado” (Jo 8:34). Como tal, o homem não é capaz de produzir aquilo que é bom, espiritual e aceitável a Deus, mais do que a geada pode queimar ou o fogo congelar – “aqueles que estão na carne (permanecem em sua condição natural e caída) *não podem agradar a Deus*” (Rm 8:8). Eles não têm nenhum poder de fazer isso, pois todas as suas faculdades, cada parte do seu ser, estão completamente sob o domínio do pecado. Tão completamente o homem caído está debaixo do poder do pecado e da morte espiritual, que as coisas do Espírito de Deus são “loucura” para ele, “e não pode entendê-las” (1 Co 2:14).

Agora, o que acontece na regeneração é o *inverso* do que aconteceu na queda. Aquele que nasce de novo é, através de Cristo, e pela operação do Espírito, *restaurado* à união e comunhão com Deus; aquele que antes estava espiritualmente morto, agora está espiritualmente vivo – Jo 5:24. Assim como a morte espiritual foi produzida pela entrada no ser do homem do princípio mau, do mesmo modo a vida espiritual é a introdução de um princípio de santidade. Deus comunica um *novo princípio*, tão real e tão potente quanto o pecado – a graça divina agora é comunicada. Uma disposição santa é operada na alma. Um novo temperamento de espírito é concedido ao homem interior. Mas nenhuma faculdade nova é criada nele, antes, suas faculdades originais são enriquecidas, enobrecidas e habilitadas. Assim como o homem não tornou-se menos do que um ser tripartido quando caiu, do mesmo modo ele não se torna mais do que um ser tripartido quando é renovado. E também não o será no próprio Céu – seu espírito, e alma, e corpo simplesmente serão *glorificados*, i.e., completamente libertados de toda mancha de pecado, e perfeitamente conformados à imagem do Filho de Deus.

Na regeneração, uma nova natureza é comunicada por Deus. Mas novamente precisamos estar atentamente alerta para não carnalizarmos nossa concepção do que se denota por essa expressão. Muita confusão tem sido causada pelo fracasso em reconhecer que é uma *pessoa*, e não meramente uma “natureza”, que nasce do Espírito – “Necessário vos é nascer de novo” (Jo 3:7), não meramente algo *em* vós; “aquele que é nascido de Deus” (1 Jo 3:9). A *mesma* pessoa que estava espiritualmente morta – todo o seu ser alienado de Deus – agora é feita espiritualmente viva, todo o seu ser reconciliado com Deus. Isto deve ser assim, ou, do contrário, não haveria preservação da *identidade* do indivíduo. É a pessoa, e não simplesmente uma natureza, que é nascida de Deus – “Segundo a Sua vontade, Ele nos gerou” (Tg 1:18). É um novo nascimento do próprio indivíduo, e não de algo *nele*. A natureza nunca é mudada, mas a pessoa é – relativamente, não absolutamente.

A *pessoa* do homem regenerado é essencialmente a mesma que a pessoa do não-regenerado – cada uma tendo um espírito, e alma, e corpo. Mas, assim como no homem caído existe *também* um princípio mau que corrompeu cada parte do seu ser tripartido, “princípio” este que é a sua “natureza pecaminosa” (assim chamada porque expressa sua má disposição e caráter, assim como é a “natureza” do porco ser imundo), do mesmo modo, quando uma pessoa nasce de novo, um outro e novo “princípio” é introduzido em seu ser, uma nova “natureza” ou disposição, uma disposição que a impele em direção a Deus. Assim, em ambos os casos, a “natureza” é

mais uma qualidade do que uma substância. “O que é nascido do Espírito é espírito” não deve ser concebido como algo substancial, distinto da alma do regenerado, como uma porção de matéria acrescentada a outra; antes, é aquilo que *espiritualiza* todas as suas faculdades interiores, assim como a “carne” as havia carnalizado.

Novamente, “o que é nascido do Espírito é espírito” deve ser cuidadosamente distinguido daquele “espírito” que todo homem tem em acréscimo à sua alma e corpo (veja Nm 16:22; Ec 12:7; Zc 12:1). O que é nascido do Espírito não é algo tangível, e sim aquilo que é espiritual e santo, e que é mais uma qualidade do que uma substância. Em prova disto, compare o uso da palavra “espírito” nestas passagens – em Tg 4:5, a inclinação e disposição para invejar é chamada de “o *espírito* que em nós habita tem ciúmes”. Em Lc 9:55, Cristo disse aos Seus discípulos: “Vós não sabeis de que *espírito* sois”, por meio disto significando: vós sois ignorantes acerca de que *disposição* impetuosa há em vossos corações. Veja também Nm 5:14; Os 4:12; 2 Tm 1:7. O que nasce do Espírito é um princípio de vida espiritual, que renova todas as faculdades da alma.

Alguma ajuda sobre esta parte misteriosa do nosso assunto será alcançada notando-se que, em passagens como Jo 3:6, etc., “espírito” é contrastado com “carne”. Agora, mal deveria ser necessário dizer que “a carne” não é uma entidade concreta, sendo bem distinta do corpo. Quando o termo “carne” é usado em um sentido moral, a referência sempre é à *corrupção* da natureza do homem caído. Em Gl 5:19-21, as “obras da carne” são descritas, entre as quais estando o “ódio” e a “inveja”, em conexão com as quais o corpo (enquanto distinto da mente) *não* está implícito – prova clara de que “carne” e “corpo” não são termos sinônimos. Em Gl 5, a “carne” é usada para designar aquelas tendências e afeições más que resultam nos pecados ali mencionados. Assim, a “carne” refere-se ao *estado degenerado* do espírito, e da alma, e do corpo do homem, assim como o “espírito” se refere ao estado regenerado do espírito e da alma – a regeneração do corpo sendo ainda futura.

O aspecto privativo (trevas é a privação de luz) ou negativo da regeneração é que a graça divina provoca uma ferida mortal no pecado que habita no interior. O pecado não é então erradicado, nem totalmente morto no crente, mas é despojado do seu poder *reinante* sobre as suas faculdades. O cristão não é mais o escravo indefeso do pecado, pois ele lhe resiste, luta contra ele, e falar de uma vítima *indefesa* “lutando” é uma contradição de termos. No novo nascimento, o pecado recebe o seu golpe mortal, embora suas lutas moribundas conosco ainda sejam poderosas e aguda-

mente sentidas. Prova do que temos dito encontra-se no fato de que, enquanto as solicitações do pecado outrora fossem agradáveis a nós, agora elas são odiadas. *Este aspecto da regeneração* é apresentado na Escritura sob uma variedade de figuras, tais como a remoção do coração de pedra (Ez 36:26), o manietamento do homem forte (Mt 12:29), etc. O domínio absoluto do pecado sobre nós é destruído por Deus (Rm 6:14).

O aspecto positivo da regeneração é que a graça divina efetua uma mudança completa no estado da alma, infundindo um princípio de vida espiritual que renova todas as suas faculdades. É isto o que constitui o seu objeto em uma “nova criatura”, *não* com respeito à sua essência, mas as suas visões, seus desejos, suas aspirações, seus hábitos. A regeneração ou novo nascimento é a comunicação divina de um princípio poderoso e revolucionário na alma e no espírito, sob a influência do qual todas as suas faculdades nativas são exercidas de um modo diferente daquele em que anteriormente foram empregadas, e, *neste* sentido, “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5:17). Seus pensamentos são “novos”, os objetos da sua escolha são “novos”, seus alvos e motivos são “novos”, e com isso todo o seu comportamento exterior é mudado.

“Pela graça de Deus sou o que sou” (1 Co 15:10). A referência aqui é à graça *subjetiva*. Existe uma graça objetiva, inerente em Deus, que é o Seu amor, favor, boa vontade pelos Seus eleitos. Existe também uma graça subjetiva que termina neles, pela qual uma mudança é operada neles. Esta é pela infusão de um princípio de vida espiritual, que é a fonte das ações do cristão. Este “princípio” é chamado de “um coração novo” e um “espírito novo” (Ez 36:26). É um hábito sobrenatural, residindo em cada faculdade e poder da alma, como um princípio de operação santa e espiritual. Alguns têm falado desta experiência sobrenatural como uma “mudança do coração”. Se por esta expressão querem dizer que é operada uma mudança na própria natureza caída, como se aquilo que é natural fosse transformado naquilo que é espiritual, como se aquilo que nasceu da carne *deixasse de ser* “carne”, e se tornasse naquilo que é nascido do Espírito, então, o termo deve ser rejeitado. Mas, se por esta expressão querem dizer um reconhecimento da realidade da obra divina, que é operada naqueles que Deus regenera, é completamente permissível.

Ao tratar da regeneração sob a figura do novo nascimento, alguns escritores têm introduzido analogias do nascimento natural que a Escritura não autoriza de modo algum, na verdade proíbe. O nascimento físico é a geração neste mundo de uma

criatura, uma personalidade completa, que antes da concepção não tinha nenhuma existência. Mas aquele que é regenerado *tinha* uma personalidade completa antes de nascer de novo. A esta declaração pode-se objetar: Não uma personalidade *espiritual*. O que querem dizer com isto? O espírito e a matéria são opostos, e apenas criamos confusão se falamos ou pensamento naquilo que é *espiritual* como sendo algo concreto. A regeneração não é a criação de uma pessoa que até então não tinha nenhuma existência, mas a renovação e restauração de uma pessoa que o pecado havia tornado inapta para a comunhão com Deus, e isso pela comunicação de uma natureza ou princípio de vida que dá um novo e diferente viés a todas as suas velhas faculdades. É uma opinião completamente errônea considerar um cristão como se composto de duas personalidades distintas.

Assim como a “justificação” descreve a mudança no relacionamento *objetivo* do cristão com Deus, do mesmo modo a “regeneração” denota essa mudança *subjéctiva* intrínseca que é operada nas inclinações e tendências da sua alma para com Deus. Esta obra salvífica de Deus *no* Seu povo é comparada a um “nascimento”, porque é a porta de entrada para um novo mundo, o começo de uma experiência inteiramente nova, e também porque, assim como o nascimento natural é o sair de um lugar de trevas e confinamento (o ventre) para um estado de luz e liberdade, assim também é a experiência da alma quando o Espírito nos vivifica. Mas o próprio fato de que esta experiência revolucionária *também* é comparada a uma *ressurreição* (1 Jo 3:14) deveria nos livrar de formarmos uma concepção unilateral do que quer dizer “novo nascimento” e “nova criatura”, pois a ressurreição não é a criação absoluta de um novo corpo, mas a restauração e glorificação do velho corpo. A regeneração também é chamada de uma “geração” divina (1 Pe 1:3), porque a imagem ou semelhança do Progenitor é transmitida e estampada na alma. Assim como o primeiro Adão gerou um filho à sua própria imagem e semelhança (Gn 5:3), do mesmo modo o último Adão tem uma “imagem” (Rm 8:29) a transmitir para os Seus filhos (Ef 4:24; Cl 3:10).

Geralmente se tem dito que no cristão existem duas “naturezas” distintas e diversas, a saber, a “carne” e o “espírito” (Gl 5:17). Isto é verdade, contudo, deve-se ter cuidado para evitar considerar estas duas “naturezas” como nada mais do que dois *princípios* de ação. Assim, em Rm 7:23 as duas “naturezas” ou “princípios” no cristão são expressos como: “vejo nos meus membros outra *lei*, que batalha contra a *lei* do meu entendimento”. A carne e o espírito no crente devem ser concebidos como algo muito diferente das “duas naturezas” na pessoa bendita de nosso Redentor, o Deus-

homem. Tanto a Deidade como a humanidade *eram* entidades substanciais nEle. Além disso, as “duas naturezas” no santo resultam em um conflito necessário (Gl 5:17), ao passo que em Cristo não somente havia completa harmonia, mas *um só* Senhor.

As faculdades da alma do cristão permanecem as mesmas em sua essência, substância e poderes naturais que antes de ele ser “renovado”, mas estas faculdades são mudadas em suas propriedades, qualidades e inclinações. Pode nos ajudar a alcançar uma concepção mais clara disto se o ilustrarmos por uma referência às águas em Mara (Ex 15:25, 26). Essas “águas” ainda eram as mesmas águas, tanto antes como depois da sua cura. De si mesmas, em sua própria natureza, elas eram “amargas”, de modo que o povo não podia beber delas; mas, ao ser lançada uma árvore nelas, tornaram-se doces e úteis. De igual modo também com as águas em Jericó (2 Rs 19:20, 21), as quais foram curadas pelo sal (emblema da graça, Cl 4:6) lançado nelas. De modo semelhante, as afeições do cristão continuam as mesmas como eram em sua natureza e essência, mas elas são curadas ou saradas pela graça, de modo que suas propriedades, qualidades e inclinações são “renovadas” (Tt 3:5), o amor de Deus agora sendo derramado no coração pelo Espírito Santo (Rm 5:5).

O que o homem perdeu pela queda foi a sua *relação* original com Deus, a qual mantinha todas as suas faculdades e afeições dentro do exercício apropriado dessa relação. Na regeneração, o cristão recebeu uma nova vida, a qual deu uma nova direção às suas faculdades, apresentando novos objetos perante elas. Contudo, diga-se enfaticamente, não é meramente a restauração da vida que Adão perdeu, mas uma vida de relações indizivelmente superiores – ele recebeu a vida que o Filho de Deus tem em Si mesmo, a saber, “a vida eterna”. Mas a velha personalidade ainda permanece. Isto é claro por Rm 6:13, “mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça”. Os membros do mesmo indivíduo agora devem servir a um novo Senhor.

A regeneração é a única coisa que torna uma criatura caída apta para cumprir o seu único grande e principal dever, a saber, glorificar o seu Criador. Este deve ser o alvo e o fim em vista de tudo o que fazemos – “Quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1 Co 10:31). É o motivo que nos impulsiona e o propósito perante nós que dá valor a cada ação – “Sendo, pois, o teu olho (figura da alma olhando para o exterior) simples (tendo apenas um objeto em

vista – a glória de Deus), também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso” (Lc 11:34). Se a intenção for má, como certamente é quando a glória de Deus não está perante nós, não há nada mais do que “trevas”, *pecado*, em todo o serviço.

Agora, o homem caído afastou-se completamente do que devia ser o seu fim, alvo ou objeto principal, pois, ao invés de ter diante de si a honra de Deus, *ele mesmo* é a sua maior preocupação; e, ao invés de buscar agradar a Deus em todas as coisas, ele vive apenas para agradar a si mesmo ou às criaturas seus semelhantes. Mesmo quando, através de educação religiosa, as reivindicações de Deus foram trazidas à sua observação e frisadas à sua atenção, na melhor das hipóteses, ele apenas parcela uma parte do seu tempo, força e essência àquEle que lhe deu existência e o amontoa diariamente de benefícios, e outra parte para si e para o mundo. O homem natural é completamente incapaz de ter respeito supremo por Deus, enquanto não se torna o recipiente de uma vida espiritual. Ninguém verdadeiramente visará à glória de Deus enquanto não tiver uma afeição por Ele. Ninguém O honrará supremamente se não O amar supremamente. E, para tanto, o amor de Deus deve ser derramado no coração pelo Espírito Santo (Rm 5:5), e isto acontece apenas na regeneração. É aí, e só aí, que o eu é destronado e Deus entronizado; é aí que a criatura renovada é capacitada a cumprir o chamado imperativo de Deus: “Filho Meu, dá-Me o teu coração” (Pv 23:26).

Os elementos salientes que compreendem a *natureza* da regeneração talvez possam ser resumidos nestas três palavras: comunicação, renovação, subjugação. Deus *comunica* algo àquele que nasce de novo, a saber, um princípio de fé e obediência, uma natureza santa, vida eterna. Isto, embora real, palpável e potente, não é nada de material ou tangível, nada acrescentado à nossa essência, substância ou pessoa. E ainda, Deus *renova* cada faculdade da alma e do espírito daquele que nasce de novo, não perfeita e finalmente, pois somos “renovados de dia em dia” (2 Co 4:16), mas de modo a habilitar aquelas faculdades a serem exercidas sobre objetos espirituais. E ainda, Deus *subjuga* o poder do pecado que habita no interior daquele que nasce de novo. Ele não o erradica, mas o destrona, de modo que não mais tem domínio sobre o coração. Ao invés de o pecado governar o cristão, e isto pela sua própria sujeição voluntária, ele é resistido e odiado.

A regeneração *não* é o aperfeiçoamento ou a purificação da “carne”, que é aquele princípio mau que ainda está com o crente. Os apetites e tendências da “carne” são

precisamente os mesmos após o novo nascimento como eram antes, apenas não *reinam* mais sobre ele. Por um tempo pode parecer que a “carne” *está* morta, contudo, na realidade, não *está*. Muitas vezes o seu silêncio absoluto (como um exército de tocaia) *está* apenas aguardando a sua oportunidade ou um ajuntamento da sua força para um novo ataque. Não leva muito para a alma renovada descobrir que a “carne” ainda *está* muitíssimo viva, desejando fazer o que quer. Mas a graça não permitirá que ela faça o que quer. Por um lado, o cristão tem de dizer: “O querer *está* em mim, mas não consigo realizar o bem” (Rm 7:18). Por outro, ele é capaz de declarar: “Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim” (Gl 2:20).

Algumas pessoas acham muito difícil conceber a *mesma* pessoa produzindo boas obras, a qual antes não produzia nada além de más obras, ainda mais quando se insiste que nenhuma faculdade nova é acrescentada ao seu ser, que nada de substancial é comunicado ou tirado da sua pessoa. Mas, se introduzirmos corretamente o fator do poder *supremo* de *Deus* na equação, então, a dificuldade desaparece. Podemos não ser capazes de explicar – na verdade, não somos – *como* o poder de Deus atua em nós, como Ele purifica os impuros (At 10:15) e subjuga o lobo de modo que habite com o cordeiro (Is 11:6), mais do que podemos entender completamente a Sua operação em e dentro de nós sem destruir a nossa própria agência pessoal; não obstante, tanto a Escritura como a experiência testificam de cada um destes fatos. Pode nos ajudar um pouco neste ponto se contemplarmos a operação do poder de Deus no reino natural.

No reino natural, cada criatura não apenas é inteiramente dependente do seu Criador para a sua existência continuada, mas também para o *exercício* de todas as suas faculdades, pois “nEle vivemos, e nos movemos (no grego, ‘somos movidos’), e existimos” (At 17:28). E ainda, assim como as diversas partes da criação estão ligadas entre si, e proporcionam umas às outras auxílio mútuo – assim como os céus fertilizam a terra, a terra supre os seus habitantes de alimento, seus habitantes propagam a sua espécie, criam sua prole, e cooperam com o propósito de sociedade – do mesmo modo todo o sistema também é apoiado, sustentado e governado pela providência direcionadora de Deus. As influências da providência, a maneira como operam na criatura, são profundamente misteriosas – por um lado, elas não são destruidoras da nossa natureza racional, reduzindo-nos a meros autômatos irresponsáveis; por outro, elas são todas feitas completamente subservientes ao propósito divino.

Agora, a operação do poder de Deus na regeneração deve ser considerada como da mesma espécie que a sua operação na providência, embora seja exercida com um propósito diferente. A energia de Deus é uma só, embora seja distinguida pelos objetos sobre os quais, e os fins para os quais, é exercida. É o mesmo poder que cria e mantém em existência; o mesmo poder que forma uma pedra e um raio de sol; o mesmo poder que dá vida vegetal a uma árvore, vida animal a uma besta e vida racional a um homem. De modo semelhante, é o mesmo poder que nos assiste no exercício natural de nossas faculdades, assim como é o mesmo que nos capacita a exercer essas faculdades de um modo espiritual. Daí a “graça”, como um princípio de operação divina no reino espiritual, ser o mesmo poder de Deus, tal como a “natureza” é o Seu processo de operação no mundo natural.

A graça de Deus na aplicação da redenção aos corações do Seu povo é realmente *poderosa*, como fica evidente pelos efeitos produzidos. É uma mudança de todo o homem – das suas opiniões, motivos, inclinações e buscas. Tal mudança nenhum meio humano é capaz de realizar. Quando os irrefletidos são levados a pensar, e pensar com uma seriedade e intensidade que nunca tiveram antes; quando os desalentados são, em um momento, afetados por um profundo senso dos seus mais importantes interesses; quando lábios que estão acostumados a blasfemar aprendem a orar; quando os orgulhosos são levados a assumir uma atitude humilde e a linguagem do penitente; quando aqueles que são dedicados ao mundo dão evidência de que o objeto de seus desejos e intenções é uma herança celestial; e quando esta revolução tão maravilhosa foi efetuada pela simples Palavra de Deus, e pela própria Palavra que o objeto desta mudança radical muitas vezes havia ouvido impassível, isto é prova positiva de que uma influência poderosa foi exercida, e que essa influência não é nada menos do que *divina* – o povo de *Deus* foi feito disposto no dia do Seu *poder* (Sl 110:3).

Muitas figuras são usadas na Escritura, diversas expressões são empregadas pelo Espírito, para descrever a obra salvífica de Deus no Seu povo. Em 2 Pe 1:4 é dito que os regenerados são “participantes da natureza divina”, o que *não* significa da própria essência ou do ser de Deus, pois *este* não pode ser nem dividido nem comunicado – no próprio Céu ainda haverá uma distância imensurável entre o Criador e a criatura, do contrário, o finito se tornaria infinito. Não, serem “participantes da natureza divina” é serem feitos os recipientes de graça inerente, terem os contornos da imagem divina estampados na alma – como o restante deste verso mostra, se-

rem “participantes da natureza divina” é a antítese da “*corrupção*, que pela concupiscência há no mundo”.

Em 2 Co 3:18, declara-se que este milagre transformador da graça de Deus em Seu povo é uma “mudança” para a imagem de Cristo. A palavra grega aí para “mudança” é traduzida por “transfigurado” em Mt 17:2. Na transfiguração de Cristo, nenhuma característica nova foi acrescentada ao rosto do Salvador, mas todo o Seu semblante foi irradiado de uma nova luz; do mesmo modo, em 2 Co 4:6 a regeneração é comparada a uma “luz” que Deus manda que resplandeça em nós – note que todo o contexto de 2 Co 3:18 está tratando da obra do Espírito pelo Evangelho. Em Ef 2:10, este produto da graça de Deus é expresso como “feitura” Sua, e se diz que é “criado”, para mostrar que Ele, e não o homem, é o seu Autor. Em Gl 4:19, esta mesma obra de Deus na alma é designada como Cristo sendo “formado” em nós – assim como a semente dos pais é formada e moldada no ventre da mãe, a “semelhança” do pai sendo estampada nela.

Não podemos tentar apresentar aqui uma lista completa das numerosas figuras e expressões que o Espírito Santo empregou para demonstrar esta obra salvadora de Deus na alma. Em Jo 6:44, ela é expressa como ser “trazido” a Cristo. Em At 16:14, como o coração sendo “aberto” pelo Senhor para receber a Sua Verdade. Em At 26:18, como a abertura dos nossos olhos, o converter-nos das trevas para a luz, e do poder de Satanás a Deus. Em 2 Co 10:5, como o “destruir dos conselhos, e de toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levar cativo todo o entendimento à obediência de Cristo”. Em Ef 5:8, como ser “luz no Senhor”. Em 2 Ts 2:13, é designada como a “santificação do Espírito”. Em Hb 8:10, como Deus pondo as Suas leis em nossa mente e escrevendo-as em nosso coração – contraste com a figura em Jr 17:1! Assim deveria ficar bem visível que perdemos muito ao limitar nossa atenção a uma só figura dela. Todas as que apresentamos, e ainda outras não mencionadas, precisam ser levadas em consideração, se havemos de alcançar algo que se aproxime de uma concepção adequada da natureza desse milagre da graça que é operado na alma e no espírito dos eleitos, capacitando-os, a partir de agora, a viverem para Deus.

Assim como o homem em Adão foi mudado do que ele era por um estado de criação, do mesmo modo o homem em Cristo deve ser mudado do que ele é por um estado de corrupção. Esta mudança que o torna apto para a comunhão com Deus é uma obra divina operada nas inclinações da alma. É sermos renovados no espírito

do nosso entendimento (Ef 4:23). É a infusão de um princípio de santidade em todas as faculdades do nosso ser interior. É a renovação espiritual das nossas próprias pessoas. Toda a alma é renovada, segundo a imagem de Deus em conhecimento, santidade e justiça. Uma nova luz resplandece na mente, um novo poder move a vontade, um novo objeto atrai as afeições. O indivíduo é o mesmo, e, por outro lado, não é o mesmo. Quão diferente é a paisagem, quando o sol está brilhando, de quando as trevas de uma noite sem lua estão sobre ela – a mesma paisagem, e, por outro lado, não é a mesma. Quão diferente a condição daquele que é restaurado à saúde e vigor após ter sido muito abatido pela doença; contudo, é a mesma pessoa.

O próprio fato de que o Espírito Santo empregou as figuras da “geração” e do “nascimento” para a obra salvífica de Deus na alma indica que a referência é apenas à experiência *inicial* da graça divina – “AquEle que em vós começou a boa obra” (Fp 1:6). Assim como um infante tem todas as partes de um homem, contudo, nenhuma delas chegou à maturidade, do mesmo modo a regeneração dá uma perfeição das partes, que, por outro lado, têm a necessidade de serem desenvolvidas. Uma nova vida foi recebida, mas é necessário que haja o crescimento dela – “crescei na graça” (2 Pe 3:18). Como Deus foi o Doador desta vida, somente Ele pode alimentar e fortalecer-lá. Assim, Tito 3:5 fala do “renovamento”, e não da “renovação” do Espírito Santo. Mas é a nossa responsabilidade e imperioso dever *usar* os meios divinamente designados da graça que promovem o crescimento espiritual – “Desejai o leite racional da Palavra, para que por ele vades crescendo” (1 Pe 2:2); assim como é a nossa obrigação evitar continuamente tudo o que impediria a nossa prosperidade espiritual – “Não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências” (Rm 13:14), e cf. Mt 5:29, 30; 2 Co 7:1.

A consumação da obra inicial de Deus que experimentamos no novo nascimento, e que Ele renova durante o curso das nossas vidas terrestres, apenas acontece na segunda vinda do nosso Salvador, quando seremos perfeita e eternamente conformados à Sua imagem, tanto interior como exteriormente. Primeiro, regeneração; depois, nossa gradual santificação; finalmente, nossa glorificação. Mas entre o novo nascimento e a glorificação, enquanto somos deixados aqui embaixo, o cristão possui tanto a “carne” como o “espírito”, tanto um princípio de pecado como um princípio de santidade, operando dentro de si, um opondo-se ao outro – veja Gl 5:16, 17. Daí a sua experiência *interior* ser tal como aquela descrita em Rm 7:7-25. Assim como a vida é oposta à morte, a pureza à impureza, a espiritualidade à carnalidade, do mesmo modo agora é sentido e experimentado na alma um severo conflito entre o

pecado e a graça. Este conflito é perpétuo, na medida em que a “carne” e o “espírito” cobiçam pelo domínio. Daí procede a absoluta necessidade de o cristão ser sóbrio, e “vigiar em oração”.

Finalmente, assinale-se que o princípio de vida e obediência (a “nova natureza”) que é recebido na regeneração não é capaz de preservar a alma de pecados, não obstante, é feita para ela plena provisão de contínuos suprimentos de graça e de tudo o que ela precisa no Senhor Jesus Cristo. Há tesouros de auxílio nEle, aos quais a alma pode, a qualquer momento, recorrer, e encontrar socorro necessário contra cada incursão do pecado. Este novo princípio de santidade pode dizer à alma do crente, como Davi disse a Abiatar quando fugia de Doegue: “Fica comigo, não temas, porque quem procurar a minha morte também procurará a tua, pois estarás salvo comigo” (1 Sm 22:23). O pecado é o inimigo da nova natureza tão verdadeiramente como é da alma do cristão, e a única segurança dela está em dar ouvidos aos pedidos dessa nova natureza, e invocar a Cristo por capacitação. Assim somos exortados em Hb 4:16, “Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”.

Se há um tempo de necessidade para a alma, é quando ela está sob os ataques de pecados provocadores, quando a “carne” está cobiçando contra o “espírito”. Mas nesse mesmo tempo há ajuda apropriada e oportuna em Cristo para socorro e alívio. A nova natureza pede, com suspiros e gemidos, que o crente *recorra* a Cristo. Negligenciá-IO, com toda a Sua provisão de graça, enquanto Ele permanece nos chamando: “*Abre-Me ... porque a Minha cabeça está cheia de orvalho, os Meus cabelos das gotas da noite*” (Ct 5:2), é desprezar o suspiro do pobre prisioneiro, da nova natureza, que o pecado está procurando destruir, e só pode ser uma grave provocação contra o Senhor.

No princípio, Deus confiou a Adão e Eva um estoque de graça em neles mesmos, mas eles o lançaram fora, e a si mesmos na mais extrema miséria por causa disso. Para que Seus filhos não perecessem uma segunda vez, Deus, ao invés de lhes comunicar *pessoalmente* o poder para vencer o pecado e Satanás, colocou a porção deles em um Outro, um seguro Tesoureiro; em Cristo estão suas vidas e confortos assegurados (Cl 3:3). E como Cristo deve nos considerar, se, ao invés de recorrermos a Ele por auxílio, permitirmos que o pecado perturbe a nossa consciência, destrua a nossa paz, e estrague a nossa comunhão? Tal não é um pecado de fraqueza

que não pode ser evitado, mas uma grave afronta a Cristo. Os meios de preservação contra ele estão à mão. Cristo sempre está acessível. Ele sempre está pronto a “socorrer aos que são tentados” (Hb 2:18). Oh, que recorramos a Ele cada vez mais, dia a dia, por *todas as coisas*. Então cada um descobrirá: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Fp 4:13).

Todos os homens são, por natureza, filhos da ira, e pertencem ao mundo, que é o reino de Satanás (1 Jo 5:19), e estão sob o poder das trevas. Nesta condição, os homens não são súditos do reino de Cristo, e não têm nenhuma propriedade para o Céu. Desta terrível condição eles são incapazes de se livrarem a si mesmos, estando “fracos” (Rm 5:6). Para fora desta condição os eleitos de Deus são sobrenaturalmente “chamados” (1 Pe 2:9), chamado este que eficazmente os livra do poder de Satanás e os transporta para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1:13). Este “chamado” divino, ou obra da graça, é diversamente denominado na Escritura – às vezes como “regeneração” (Tt 3:5), ou novo nascimento, às vezes como iluminação (2 Co 4:6), transformação (2 Co 3:18), ressurreição espiritual (Jo 5:24). Este chamado interior e invencível é acompanhado pela justificação e adoção (Rm 8:30; Ef 1:5), e é continuado pela santificação em santidade. Isto nos leva a considerar:

3. SEUS EFEITOS

“O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (Jo 3:8). Embora o vento seja imperioso em sua ação, o homem sendo incapaz de regulá-lo; embora seja misterioso em sua natureza, o homem não conhecendo nada sobre a causa que o controla; sua presença é inconfundível, seus efeitos são claramente evidenciados – assim também é com *todo aquele* que é nascido do Espírito. Suas operações secretas, mas poderosas, estão além do alcance do nosso entendimento. Por que Deus ordenou que o Espírito vivificasse esta pessoa e não aquela, não sabemos, mas os resultados transformadores da Sua operação são claros e palpáveis. Quais são, esforçaremos agora por descrever:

1. *A iluminação do entendimento.* Assim como foi na velha criação, do mesmo modo é em conexão com a nova. “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1). Esta foi a criação original. Depois veio a degeneração – “E a terra ficou sem forma e vazia (uma ruína desolada), e havia trevas sobre a face do abismo”. Em seguida veio a restauração – “E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas, e disse Deus: Haja luz; e houve luz”. Assim também é quando Deus começa a restaurar o homem caído – “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (2 Co 4:6).

A iluminação divina que a mente recebe no novo nascimento não é de modo algum de sonhos ou visões, nem consiste na revelação de coisas à alma que não foram reveladas nas Escrituras. Não, o único meio ou instrumento que o Espírito Santo emprega é a Palavra escrita – “A entrada das Tuas palavras dá luz, dá entendimento aos símplices” (Sl 119:130). Até aqui, a Palavra de Deus pode ter sido lida atentamente, e muito do seu ensino intelectualmente apreendido; mas, porque havia um “véu” sobre o coração (2 Co 3:15), e, por isso, nenhum discernimento espiritual (1 Co 2:14), o leitor não fora interiormente afetado por ela. Mas agora o Espírito remove o véu, abre o coração para receber a Palavra (At 16:14), e aplica poderosamente à mente e à consciência alguma porção dela. O resultado é que aquele que é renovado é capaz de dizer: “Uma coisa sei, é que, havendo eu sido cego, agora vejo” (Jo 9:25). Para particularizar:

O pecador agora é iluminado no conhecimento da sua própria terrível condição. Ele pode, antes disto, ter recebido muita instrução espiritual, subscrito a um sólido cre-

do, e crido intelectualmente na “depravação total do homem”; mas agora as solenes declarações da Palavra de Deus concernentes ao estado da criatura caída são entendidas com poder penetrante pela sua própria alma. Ele não mais se compara aos seus semelhantes, mas se mede pela regra de Deus. Ele agora descobre que é impuro, que o seu coração é “desesperadamente perverso”, e que está completamente inapto para a presença do Deus três vezes santo. Ele é poderosamente convencido dos seus próprios terríveis pecados, sente que são mais em número do que os cabelos da sua cabeça, e que são graves provocações contra o Céu, que clamam por juízo divino sobre ele. Ele agora percebe que não há “coisa sã” (Is 1:6) nele, e que todas as suas melhores realizações são apenas como “trapo da imundícia” (Is 64:6), e que ele é merecedor de nada mais do que as chamas eternas.

Por meio da luz espiritual que Deus comunica na regeneração, a alma percebe agora os infinitos deméritos do pecado, que o seu “salário” não pode ser nada menos do que a morte eterna, ou a perda do favor divino e um terrível sofrimento sob a ira de Deus. A equidade da lei de Deus e o fato de que o pecado exige justamente esse castigo é humildemente reconhecido. Assim a sua boca é “calada”, e ele se confessa culpado diante de Deus, e justamente sujeito à Sua terrível vingança, tanto pela praga do seu próprio coração como pelas suas numerosas transgressões. Ele agora percebe que toda a sua vida foi vivida em completa independência de Deus, não tendo tido nenhuma consideração pela Sua glória, nenhum preocupação sobre se O agradava ou desagradava. Ele agora percebe a excessiva pecaminosidade do pecado, sua terrível malignidade, como sendo em sua natureza contrário à lei de Deus. Como escapar da recompensa devida à sua iniquidade, ele não sabe. “Que é necessário que eu faça para me salvar?”, é o seu grito agonizante. Ele está convencido da absoluta impossibilidade de contribuir com qualquer coisa para o seu livramento. Ele não tem mais nenhuma confiança na carne; ele foi trazido ao seu próprio fim.

Por meio desta iluminação, a alma renovada, sob a orientação do Espírito através da Palavra, agora percebe quão bem apropriado é Cristo para tão pobre e indigno miserável que ele mesmo se sente. A perspectiva de alcançar livramento da ira vindoura através da vida e morte vitoriosa do Senhor Jesus impede a sua alma de ser esmagada pela tristeza e de afundar em completo desânimo por causa da visão dos seus pecados. Na medida em que o Espírito lhe apresenta os méritos infinitos da obediência e justiça de Cristo, Sua terna compaixão pelos pecadores, Seu poder para salvar, desejos por um interesse em Cristo agora possuem o seu coração, e ele está resolvido a buscar a salvação em nenhum outro. Sob as benignas influências do Es-

pírito Santo, a alma é atraída por algumas palavras, tais como: “Vinde a Mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei”, ou: “o que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora”, e ele é levado a recorrer a Ele por perdão, purificação, paz, justiça, força.

Outros atos além do voltar-se para Cristo se derivam deste novo princípio recebido na regeneração, tais como o *arrependimento*, que é uma tristeza segundo Deus pelo pecado, um aborrecimento do pecado enquanto tal, e um desejo sincero de abandonar e ser completamente livre da sua contaminação. Na luz de Deus, a alma regenerada agora percebe a vaidade absoluta do mundo, e a indignidade destes brinquedos insignificantes e das ninharias percíveis que os ímpios se esforçam tanto por adquirir. Ela foi despertada do sono-sonho da morte, e as coisas agora são vistas na sua verdadeira natureza. O tempo é precioso e não deve ser dissipado. Deus em Sua assombrosa Majestade é um objeto a ser temido. Sua lei é aceita como santa, justa e boa. Todas estas percepções e ações estão incluídas naquela santidade sem a qual ninguém verá o Senhor. Em algumas estas ações são mais vigorosas do que em outras e, conseqüentemente, são mais perceptíveis ao eu do homem. Mas os seus frutos são visíveis aos outros em atos externos.

2. *A elevação do coração.* Justamente o Senhor reivindica o primeiro lugar – “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim” (Mt 10:37). “Dá-Me, filho Meu, o teu coração” (Pv 23:26) expressa a reivindicação de Deus – eles “a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor” (2 Co 8:5) declara a resposta do regenerado. Mas só quando nasce de novo é que alguém é espiritualmente capacitado a fazer isto, pois, por natureza, os homens são “amantes de si mesmos” e “mais amigos dos deleites do que amigos de Deus” (2 Tm 3:2, 4). Quando um pecador é renovado, suas afeições são removidas de seus ídolos e estabelecidas no Senhor (1 Ts 1:9). Por isso está escrito: “com o coração se crê para a justiça” (Rm 10:10). E por isso, também, está escrito: “Se alguém *não ama* ao Senhor Jesus, seja anátema” (1 Co 16:22).

“E o Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, *para amares* ao Senhor teu Deus com todo o coração” (Dt 30:6). A “circuncisão” do coração é a sua “renovação”, separando o seu amor de todos os objetos ilícitos. Ninguém pode verdadeiramente amar a Deus supremamente enquanto este milagre da graça não for operado nele. É aí que as afeições são refinadas e dirigidas para os seus objetos apropriados. AquEle que outrora era desprezado pela alma, agora é

contemplado como o “totalmente desejável”. AquEle que era odiado (Jo 15:18), agora é amado acima de todos os outros. “Quem tenho eu no céu senão a Ti? e na terra não há quem eu deseje além de Ti” (Sl 73:25) agora é a sua alegre confissão.

O amor de Deus tornou-se o princípio governante da vida (2 Co 5:13). O que antes era uma labuta agora é um deleite. O louvor do homem não é mais o motivo que estimula a ação; a aprovação do Salvador é o interesse mais elevado do cristão. A gratidão move uma sincera submissão à Sua vontade. “Quão preciosos me são, ó Deus, os Teus pensamentos!” (Sl 139:17) agora é a sua linguagem. E ainda: “no Teu nome e na Tua memória está o desejo da nossa alma. Com minha alma Te desejei de noite, e com o meu espírito, que está dentro de mim, madrugarei a buscar-Te” (Is 26:8, 9). Assim também o coração é estendido a todos os membros da Sua família, não importa qual seja sua nacionalidade, posição social ou conexão eclesial: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3:14).

3. *A emancipação da vontade.* Por natureza, a vontade do homem caído é livre em apenas uma direção – longe de Deus. O pecado escravizou a vontade, por conseguinte, precisamos ser “libertados” (Jo 8:36). Os dois estados são contrastados em Rm 6 – “livres da justiça” (v. 20), quando mortos em pecado; “livres do pecado” (v. 18), agora que estamos vivos para Deus. No novo nascimento, a vontade é libertada da “servidão da corrupção” (Rm 8:21 e cf. 2 Pe 2:19) e feita conformável à vontade de Deus (Sl 119:97). Em nosso estado degenerado, a vontade era naturalmente rebelde, e a sua linguagem prática era: “Quem é o Senhor, Cujá voz eu ouvirei?” (Ex 5:2). Mas o Pai prometeu ao Filho: “O Teu povo *será* mui voluntário no dia do Teu poder” (Sl 110:3), e isto é cumprido quando Deus “opera em nós tanto o querer como o efetuar da Sua boa vontade” (Fp 2:13 e cf. Hb 13:21).

“Dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardéis os Meus juízos, e os observeis” (Ez 36:26, 27). Esta é a promessa de um novo concerto (Hb 8:10), e é cumprida em cada alma renovada. A vontade também é emancipada do poder do pecado que habita no interior, sendo capacitada a responder às ordens divinas segundo o teor do novo concerto. Os regenerados consentem livremente e escolhem alegremente andar em sujeição a Cristo, estando agora ansiosos por obe-

dece-IO em todas as coisas. Sua autoridade é a sua única regra, Seu amor o poder constrangedor: “Se alguém Me ama, *guardará* a Minha palavra” (Jo 14:23).

4. *A retificação da conduta.* Uma árvore é conhecida pelos seus frutos. A fé é evidenciada pelas obras. O princípio de santidade se manifesta em um andar piedoso. “Se sabeis que Ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dEle” (1 Jo 2:29). O mais profundo anelo de cada filho de Deus é agradar a seu Pai celestial em todas as coisas, e, embora este anelo nunca seja plenamente realizado nesta vida – “Não que *já* a tenha alcançado, ou que seja perfeito” (Fp 3:12) – ele continua “avançando para as coisas que estão adiante”.

“Obedecestes de coração à forma de doutrina *a que* fostes entregues” (Rm 6:17, variante). A palavra grega para “forma” aqui significa “molde”. Observe como esta figura também pressupõe as *mesmas* faculdades após o novo nascimento que antes. O metal que é moldado permanece o mesmo metal que era antes, apenas a feição ou a forma dele é alterada. Aquela metal que antes era um prato agora é transformado em um copo, e assim um novo nome lhe é dado – cf. Ap 3:12. Pela regeneração, as faculdades da alma são feitas aptas para Deus e para os Seus preceitos, assim como o molde e a coisa moldada se encaixam uma na outra. Assim como antes o coração estava em inimizade contra cada mandamento, agora ele é moldado para eles. Deus diz: “Temei-Me”, o coração renovado responde: “Eu desejo *temer* o Teu nome” (Ne 1:11). Deus diz: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar”, o coração responde: “o sábado é o meu *deleite*” (Is 58:13). Deus diz: “amai-vos uns aos outros”, a nova criatura encontra um instinto gerado nela para fazer isto, de modo que é dito que os verdadeiros cristãos são “instruídos por Deus que se amem uns aos outros” (1 Ts 4:9).

Uma mudança acontecerá no comportamento do homem não-convertido mais moral tão logo ele nasça do alto. Não apenas ficará bem menos disposto em sua busca pelo mundo, mais escrupuloso na seleção de suas companhias, mais cauteloso em evitar as ocasiões para pecar e a aparência do mal, mas ele percebe que o santo olho de Deus está sempre sobre ele, notando não apenas as suas ações, mas pensando os seus motivos. Ele agora traz o sagrado nome de Cristo, e o seu mais profundo interesse é ser guardado de tudo o que possa trazer censura contra ele. Seu alvo é deixar a sua luz brilhar diante dos homens de tal modo que eles vejam as suas boas obras e glorifiquem ao seu Pai que está no Céu. O que lhe causa a mais profunda aflição não são os escárnios e insultos dos infieis, mas que ele não esteja

à altura do padrão que Deus estabeleceu perante ele e da conformidade com o mesmo pela qual tanto anseia. Ainda que a graça divina possa preservá-lo das quedas exteriores, ele é dolorosamente consciente de muitos pecados interiores – os levantes da incredulidade, os inchaços do orgulho, as oposições da “carne” aos desejos do “espírito”. Estas coisas ocasionam-lhe profundos exercícios do coração e conduzem a humildes e tristes confissões a Deus.

É de grande importância que o cristão tenha idéias claras e bíblicas do que ele é *tanto* como sujeito ao pecado como à graça. Embora os regenerados estejam libertos do domínio absoluto do pecado (Rm 6:14), o princípio do pecado, a “carne”, não é erradicada. Isto fica claro através de Rm 6:12, “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências” – esta exortação não teria sentido se não houvesse nenhum pecado interior procurando *reinar*, e nenhuma concupiscência demandando obediência. Contudo, isto está longe de querer dizer que um cristão *deve* prosseguir em uma conduta de pecados – “Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a Sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus” (1 Jo 3:9), a referência aí sendo à prática regular e ao hábito de pecar. Não obstante, piedosa atenção precisa ser constantemente dada a esta palavra: “Vigiai justamente e não pequeis” (1 Co 15:34).

As experiências de Paulo, tanto como sujeito ao pecado como à graça, são registradas em Rm 7. Uma leitura cuidadosa dos versos 14 a 24 revela o fato de que a graça não havia nem removido nem purificado a “carne” nele. E, quando o cristão hoje compara isto com os seus próprios conflitos interiores, percebe que Rm 7 os descreve de modo extremamente preciso e fiel. Ele descobre que na sua “carne” não habita bem algum, e clama: “Miserável homem que eu sou”. Embora anele por conformidade mais plena à imagem de Cristo, embora tenha fome e sede de justiça, embora esteja sob a influência e o reinado da graça, e embora desfrute de verdadeira comunhão com Deus, em ocasiões (algumas mais agudamente sentidas do que outras) ele sente que, embora com a mente sirva à lei de Deus, com a carne serve à lei do pecado. Sim, cada experiência de leitura da Palavra, oração, meditação, prova-lhe que ele é, em sua natureza caída, “carnal, vendido sob o pecado”, e que, quando quer fazer o bem, o mal está presente com ele. Esta é uma questão de grande angústia para ele, e faz ele “gemer” (Rm 8:23) e ansiar ainda mais por libertação deste corpo de morte.

Mas o cristão não deve “crescer em graça”? Sim, certamente. Contudo, que seja dito enfaticamente que crescer “em graça” mui certamente não significa uma crescente satisfação consigo mesmo. Não, é o exato oposto. Quanto mais ando na luz de Deus, mais claramente posso ver a astúcia da “carne” dentro de mim, e haverá um aborrecimento cada vez mais intenso ao que eu sou por natureza. “O querer está em mim, mas não consigo realizar o bem” (Rm 7:18) não é a confissão de um incrédulo, nem mesmo de um bebê em Cristo, mas do santo mais iluminado. O único alívio desta angustiante descoberta e a única paz para o coração renovado é desviar o olhar do eu para Cristo e para a Sua obra perfeita por nós. A fé esvazia de toda a autocomplacência e oferece uma exaltada estima de Deus em Cristo.

Um crescimento “em graça” é definido, em parte, pelas palavras que imediatamente se seguem: “e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo” (2 Pe 3:18). É a crescente percepção da adequação perfeita de Cristo para um pobre pecador, a intensa convicção da sua propriedade para ser o Salvador de um miserável tão vil como o Espírito diariamente mostra que sou. É a apreensão do quanto preciso do Seu sangue precioso para me purificar, da Sua justiça para me vestir, do Seu braço para me sustentar, da Sua advocatura para responder por mim no Alto, da Sua graça para me livrar de todos os meus inimigos, tanto interiores como exteriores. É o Espírito revelando a mim que existe *em Cristo* tudo de que eu preciso tanto para a terra como para o Céu, para o tempo e como para a eternidade. Assim, crescer em graça é um crescente viver *fora de* mim mesmo, um viver *em* Cristo. É um olhar para Ele em busca do suprimento de *cada* necessidade.

Quanto mais o coração se ocupa de Cristo, mais a mente permanece nEle, confiando nEle (Is 26:3); mais a fé, esperança, amor, paciência, mansidão, e todas as graças espirituais serão fortalecidas e trazidas em exercício e ação para a glória de Deus. A *manifestação* do crescimento em graça e no conhecimento de Cristo é outra coisa. O processo real de crescer não é perceptível, seja na esfera natural ou na espiritual; mas os resultados disto são – principalmente a outros. Existem *estações* definidas de crescimento, e geralmente as graças espirituais do cristão estão crescendo ainda mais quando a alma está em angústia pelas múltiplas tentações, lamentando por conta do pecado que habita no interior. É quando estamos *desfrutando* de Deus e estamos em consciente comunhão com Ele, festejando sobre as perfeições de Cristo, que os frutos do Espírito em nós são *amadurecidos*. As maiores *evidências* de crescimento espiritual no cristão são um ódio intenso pelo pecado e uma aversão ao eu, um valorização mais elevada das coisas espirituais, e um anseio por

elas, um reconhecimento mais pleno da nossa profunda necessidade e dependência de Deus para supri-la.

A regeneração é essencialmente a mesma em todos os que são sujeitos a ela; há uma transformação espiritual, a conformação da alma à imagem de Deus – “o que é nascido do Espírito é *espírito*” (Jo 3:6). Mas, embora cada pessoa regenerada seja uma nova criatura, tenha recebido um princípio de fé e santidade que atua sobre cada faculdade do seu ser, e seja habitada e conduzida pelo Espírito Santo, Deus não comunica a mesma medida de graça (Rm 12:3; 2 Co 10:13; Ef 4:16) ou o mesmo número de talentos igualmente a todos. Os filhos de Deus diferem uns dos outros assim como os filhos no seu nascimento natural, alguns dos quais são mais vivos e vigorosos do que outros. Deus, segundo a Sua vontade soberana, dá a uns conhecimento mais pleno, a outros fé mais forte, a outros afeições mais cálidas – o temperamento natural tem muito a ver com a forma e a coloração que a *manifestação* do “espírito” assume através de nós. Mas não há diferença na sua condição – a mesma obra foi realizada em todos, a qual radicalmente os diferencia dos mundanos.

“Não sabeis vós que os santos não de julgar o mundo?” (1 Co 6:2). Isto não denota claramente, sim, não exige que os “santos” exerçam uma santidade distintiva e vivam de modo completamente diferente do mundo? Será que alguém que agora toma o nome do Senhor em vão poderia ser justamente indicado para se assentar em juízo contra aqueles que o profanam? Será que alguém que vive para agradar o eu poderia ser uma pessoa apta para julgar aqueles que amaram mais o prazer do que a Deus? Será que alguém que tem desprezado e ridicularizado o “rigor puritano de vida” poderia se assentar com Cristo como um juiz contra aqueles que viveram em rebelião contra Ele? Nunca – ao invés de serem os juizes de outros, todos os tais se verão condenados e executados como malfeitores naquele Dia.

“O Senhor dará graça e glória; não retirará bem algum aos que andam na retidão” (Sl 84:11). “Graça e glória” estão inseparavelmente conectados – não diferem em natureza, mas em grau. “Graça” é glória iniciada; “glória” é graça elevada ao cume da perfeição. 1 João 3:2 nos diz que os santos serão “semelhantes a Ele”, e isto porque “O verão assim como é”. A visão imediata do Senhor da glória será transformadora, as reflexões luminosas que a pureza e santidade de Deus lançam sobre os glorificados os tornarão perfeitamente santos e abençoados. Mas esta semelhança com Deus Seus santos trazem, em medida, *aqui* – existem alguns contornos, alguns

lineamentos da imagem de Deus estampados neles, e isto também é pela *contem-
plação* dEle. É verdade que (comparativamente falando) é através de um espelho,
obscuramente, contudo, “contemplando”, nós “somos transformados de glória em
glória (de um grau dela para outro) na *mesma* imagem, como pelo Espírito do Se-
nhor” (2 Co 3:18).

Em conclusão, que tanto o escritor como o leitor testem e examinem a si mesmos na
presença de Deus, por meio destas questões: Como o meu coração é afetado em
relação ao pecado? Será que há uma profunda humilhação e tristeza segundo Deus
depois que me rendi a ele? Será que há uma genuína repulsa dele? Será que a mi-
nha consciência é terna, de modo que a minha paz é perturbada pelo que o mundo
chama de “erros insignificantes” e “coisas pequenas”? Será que sou humilhado
quando consciente dos levantes do orgulho e da vontade própria? Será que repudio
a minha corrupção interior? O que ocupa a minha mente em tempos de recreação?
Será que as minhas afeições estão mortas para o mundo e vivas para Deus? Será
que acho os exercícios espirituais agradáveis e alegres, ou onerosos e cansativos?
Será que posso verdadeiramente dizer: “Oh! quão doces são as Tuas palavras ao
meu paladar, mais doces do que o mel à minha boca” (Sl 119:103)? Será que a co-
munhão com Deus é a minha maior alegria? Será que a glória de Deus é mais cara
a mim do que tudo o que o mundo contém?